

***As Benevolentes*, de Jonathan Littell: o cruzamento entre ética e estética, na representação do Holocausto**

Emília AMARAL (Pós- Doutoranda no Instituto de Estudos Judaicos, da USP)

Resumo: Este trabalho propõe uma leitura de *As Benevolentes* que considere sua especificidade literária e que, portanto, submeta questões éticas a escolhas estéticas. Nele se analisa a inversão do foco narrativo — narrador-personagem nazista, escritor judeu — não como incorporação da voz do perpetrador da barbárie, mas como seu oposto, verificado sobretudo pelo caráter irônico da obra.

Palavras-chave: holocausto, escolhas estéticas, questões éticas, foco narrativo, ironia.

Abstract: This paper aims to read *The Kindly Ones* as a literary work, therefore submitting ethical questions to esthetic choices. The inversion of the narrative point-of-view – Nazi narrator-character, Jewish writer – is analyzed not as a device whose effect is to embody the voice of the one who perpetrated the acts of barbarism, but as the opposite, a reading that is mainly corroborated by the ironic tone of the work.

Key-words: Holocaust, esthetic choices, ethical questions, narrative point-of-view, irony.

Com data de publicação recente, 2006, o romance *As Benevolentes*, de Jonathan Littell, tem recebido elogios e críticas, inserindo-se nas polêmicas sobre a complexidade do problema das possibilidades de representação do Holocausto: o paradigma do conjunto de violências que transformou o século XX no palco do desencanto da humanidade em relação às grandes utopias do mundo ocidental.

Meu propósito, neste trabalho, é discutir como as escolhas estéticas em que o romance se ancora envolvem questões éticas, e em que medida o cruzamento dessas instâncias contribui para uma análise da obra que resista a leituras reducionistas, que desconsideram a singularidade de um texto literário, por mais que ele esteja tão ligado ao referente que à primeira vista possa se confundir com um relato historiográfico.

Se é possível classificar o texto em questão como um ramo do romance histórico, em sua vertente pós-moderna, denominada por Linda Huchteon metaficção historiográfica, no sentido de “paradoxal combinação entre a autorreflexividade metaficcional e o tema histórico” (HUTCHEON: 1991, p. 31), sem dúvida ele não se

esgota nessa classificação, já que desafia o leitor a decifrar outros elementos nos quais se alicerça, para, de acordo com palavras do autor, “examinar o mal desde dentro”.

A inversão do foco narrativo — uso da primeira pessoa, figuração de um carrasco nazista por um escritor judeu — constitui a escolha estética fundante, no sentido de esbarrar num problema ético: por que narrar os atos de barbárie do nacional-socialismo do ponto de vista do perpetrador, em detrimento daquele reservado às vítimas? Em que medida esta opção, que incorpora e subverte a tradição da literatura memorialista sobre a Shoá, contribui com a necessidade de “não esquecer” e simultaneamente não permitir a banalização deste episódio que resiste à simbolização, mas que ao mesmo tempo consegue nutrir uma produção de consumo fácil, disseminada no mercado?

Para que tais questões sejam discutidas adequadamente, a partir de elementos extraídos de análise textual, é necessário lembrar que o tom dominante na obra é irônico. Nela, portanto, nada é o que parece, mas o seu contrário. Desde o título, *As Benevolentes*, a ideia de inversão é mobilizada pelo autor, que na verdade está se referindo às terríveis deusas vingadoras dos crimes familiares, as Erínias ou Fúrias. Colocadas de modo enviesado no pórtico de entrada da obra, elas trazem para o seu contexto as aporias do universo trágico e a inexorável ruína de seu herói.

Neste sentido, a *hýbris* de Maximilien Aue, o narrador-personagem matricida e incestuoso que representa Orestes, seria, de acordo com alguns estudiosos (VIARD: 2010, 34), oposta e complementar a de Édipo, ambos criminosos cujo “romance familiar” associa sexualidade e violência, remetendo ao equilíbrio instável entre civilização e barbárie, a primeira sempre ameaçada pela segunda, a qual, por sua vez, constitui o grande tema de *As Benevolentes*. Tais figuras modelares da cultura ocidental estão presentes na obra, sobretudo pelo viés psicanalítico, de acordo com a lei que a rege, ou seja, pelo signo da inversão. Em outras palavras: em *As Benevolentes* não encontramos heroísmo nem predestinação, muito menos exemplaridade, como seria de se esperar de um protagonista da Tragédia, mesmo que decaído. Esta pista, então, vai se revelando insuficiente ao longo da leitura.

Ela pode ser comparada com outras possibilidades de filiação da figura de Maximilien Aue, dentre as quais ressaltamos a linhagem do *flâneur*. Como se sabe, trata-se de uma linhagem moderna de autores pós-humanistas, descendentes de Baudelaire, como Sade, Jean Genet e Bataille, este último traduzido por Jonathan Littell, cuja fixação pelo binômio sexualidade perversa/crueldade está presente em *As*

Benevolentes. No entanto, tanto quanto a do herói trágico, esta imagem desgasta-se ao longo do romance, dado o artificialismo, o caráter livresco e o tom pedante com que na verdade aponta para a filiação pós-moderna da obra¹. Assim, ambas as figuras são reversíveis, no sentido em que constituem escolhas estéticas que se revelam tão problemáticas para a compreensão do ponto de vista em jogo no romance que fica difícil tomá-las como parâmetros para uma avaliação ética.

O que julgo ocorrer de fato com o foco narrativo estudado é que o enunciador, desde o capítulo inicial, “Toccata”, assume várias máscaras, mas nenhuma delas se sustenta, em termos de verossimilhança, ao longo da narração. Dito de outro modo, o protagonista Maximilian Aue não constitui a formalização de um conjunto de caracteres reconhecíveis, como por exemplo a representação paródica ou em tom de pastiche de Orestes, como a obra insiste, em certa medida, em fazer parecer. Em vez disso, desdobra-se em várias instâncias discursivas, responsáveis pela instabilidade de que se reveste, ao longo da narrativa, sistematicamente desnortando o leitor.

Em “Toccata”, assistimos à introdução desse jorro discursivo multifacetado, que se apoia numa também insustentável proximidade com o interlocutor, já que, ao suposto adepto do nacional-socialismo desavisado, sobrepõe-se o didatismo do narrador viciado na capacidade singular de inversões e duplicidades: ele é um homem que queria ser mulher, um fabricante de rendas que queria ser escritor, um nacional-socialista cujo idealismo destoa do misto de brutalidade, ignorância e desorganização que caracteriza seus colegas, salvo aqueles que lhe dão suporte, nas diferenças que os distanciam do universo dos perpetradores.

Trata-se, portanto, de um perpetrador de certa forma “às avessas”. Como grande parte da fortuna crítica do romance comentou², ele não é crível ao leitor, a quem na verdade desperta mais repulsa que a cumplicidade supostamente pretendida.

A tal propósito, Étienne de Montety escreveu:

¹ Sobre este aspecto da obra, remeto o leitor a meu trabalho “Crime e castigo em *Les Bienveillantes*”, de Jonathan Littell. In Revista Ângulo, Cadernos do Centro Cultural Teresa D’Ávila. Lorena: Fatea, 3º.Semestre de 2010 (agosto-outubro), número 120: *Cultura e Literatura Judaicas*. Org. Berta Waldman.

² Para verificar as opiniões da crítica sobre a não credibilidade do narrador de *As Benevolentes*, remeto ao meu trabalho “*Les Bienveillantes*: romance e suite; história e mito; representação e realidade”. In Cadernos de Língua e Literatura Hebraica: Publicação do curso de pós-graduação em Língua Hebraica, Literatura e Cultura Judaica – FFCL – USP, São Paulo, no. 8. (2010).

“Aue est um drôle de SS qui préfère citer Tertullien plutôt que Rosenberg. Dans les villages de Russie, il parle grec à ses victimes et, de passage à Paris, se rend au Louvre pour contempler un Philippe de Champaigne. C’est un monstre séduisant, bardé d’une belle logique qui est celle (en apparence) de la culture: son acquiescement à la Solution finale n’est pas une fougade, mais le fruit d’un raisonnement nourri d’ethnologie et de linguistique. Pour être un SS, on n’en a pas moins lu Dumèzil. Pervers, incestueux, bientôt parricide” (LEMONIER: 2007, p.p. 29-30).

Jonathan Littell respondeu a objeção, afirmando: *“Je suis d’accord. Mais un nazie sociologiquement crédible n’aurait jamais pu s’exprimer comme mon narrateur. [...] Max Aue est un rayon x qui balaye; un scanner n’est effectivement pas un personnage vraisemblable. Je ne recherchais pas la vraisemblance, mais la vérité”* (LEMONIER: 2007, p. 30).

Tal comentário remete à monumentalidade deste tratado de 900 páginas, estruturado por meio de uma narração linear, atravessada por *flashbacks*, dedicados à composição da figura do narrador-personagem, desde a infância.

A referida narração tem por objeto os atos de barbárie impingidos sobretudo aos judeus ao longo do nacional-socialismo, tanto quanto a estupidez logística dos responsáveis pelo funcionamento deste sistema visceralmente cruel e totalitário.

Além de recorrer a uma grande quantidade de fontes históricas sobre a 2ª. Guerra, que transpôs para o livro de modo a dar ao material consistência e ossatura romanesca, o autor se preocupou em explorá-lo pelo foco em determinada perspectiva. A análise de tal perspectiva aponta para a seleção de dois procedimentos predominantes na obra. Primeiro, a descrição caricata dos nazistas e da “comédia de erros” de suas estratégias. Vejamos um exemplo, logo no início da narração propriamente dita, o capítulo 2, Alemães I e II:

“Perto de uma árvore isolada, um homem em trajes de banho dava grandes passadas, cercado por uma nuvem sibilante de oficiais em uniformes encharcados de suor. Voltou-se para nós: ‘Ah, Blobel! Bom dia, meine Herren’. Nós o cumprimentamos: era o Generalfeldmarshall Von Reichenau, comandante-em-chefe do Exército. Seu peito estufado e hirsuto irradiava vigor; imerso na gordura em que, a despeito de sua compleição atlética, a delicadeza prussiana de seus traços terminava se afogando, seu

monóculo brilhava ao sol, incongruente, quase ridículo. Ao mesmo tempo que formulava instruções precisas e meticulosas, continuava suas idas e vindas intermitentes; tínhamos que segui-lo, era um pouco desconcertante; esbarrei em um Major e não captei muita coisa. Então ele parou para se despedir: ‘Ah, sim! Outra coisa. Para os judeus, cinco fuzis é muito, vocês não têm homens suficientes. Dois fuzis por condenado bastarão. No caso dos bolcheviques, veremos quantos há. Se forem mulheres, podem utilizar um pelotão completo’”. (LITTELL: 2007, p. 34).

Estas poucas linhas ilustram não apenas a perspectiva claramente ridicularizadora do nazismo presente na obra, como também o tom de humor dado ao sinistro, tornando-o risível. Tais elementos, por sua vez, confirmam que o romance se ancora na inversão: ao ridicularizar o chefe nazista dando ordens que na prática se revelarão desastrosas para a SS, o narrador relativiza por inversão a diminuição dos judeus defendida pela ótica do inimigo.

A esta ridicularização caricata dos nazistas e das estratégias de que se valem, em geral marcadas por comportamentos risíveis em sua operacionalidade porque regidos pelo despreparo, associado ao cumprimento cego de ordens e ao delírio demolidor do outro, o narrador acrescenta outro procedimento, de importância decisiva para a compreensão do romance: cenas pungentes, de leitura ao mesmo tempo difícil e inadiável, porque muito atentas ao detalhamento da crueldade coletiva contra os judeus, que se deu ao longo do império de Hitler.

Tal articulação entre, de um lado, a visão caricata dos nazistas num texto em 1ª, pessoa supostamente narrado por um deles, e, de outro, a intensidade das cenas que descrevem o sofrimento das vítimas, constitui, a meu ver, o “núcleo duro” do livro, o que ele apresenta de vital ao conhecimento ou reconhecimento do leitor, sem benevolências nem facilidades redutoras, embora saibamos da particular indizibilidade de sua matéria. Neste sentido, os capítulos referentes à Guerra e às etapas do Holocausto, isto é, ao tema público, quais sejam — cap. 2: “Alemandes I e II” (a shoá por balas), cap. 3: “Courante” (o cerco de Stalingrado), cap. 5: “Minuet (en rondeaux)” (os campos de concentração), cap. 7: “Gigue” (a queda de Berlim) — me parecem mais eficazes que aqueles destinados ao tema privado, a personalidade patológica do narrador protagonista. Isto pelo fato de que nestes últimos — cap. 1: “Toccata” (“prelúdio”

introdutório), cap. 4: “Sarabande” (o matricídio), cap. 6: “Air” (o refúgio do narrador na casa de sua irmã gêmea) — a figura do perpetrador na verdade não se constrói.

Ao contrário, a superposição de mascaramentos, de referências literárias e de especulações de múltiplos campos do conhecimento que adquirem o estatuto de justificativas para a existência do mal, aqui supostamente personificado na imagem de um determinado carrasco, ao mesmo tempo em que avolumam, a meu ver sem grande produtividade, o gigantismo do romance, falseiam, por seu caráter dúbio, escorregadio, livresco, a coerência entre ética e estética que *As Benevolentes* apresenta, sobretudo se estivermos atentos ao fato de que, o que nele se opera por tortuosos caminhos, é uma **inversão da inversão**. Ou seja: na verdade, o outro e o mesmo se interpenetram, tornando-se indissociáveis. Trata-se, portanto, de um romance cujo ponto de vista parece ser o nazista, sendo que esta máscara é travestida em muitas outras, e, além disso, institui-se para ser destruída, por meio de uma escolha estética da qual todos sabemos que Machado de Assis é sem dúvida grande mestre: a não credibilidade do narrador-personagem.

Referências Bibliográficas

HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção*. Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

LEMONIER, Marc. *Les Bienveillantes Décryptées – carnet de notes*. Place des éditeurs: Le Pré aux Clercs, 2007.

VIARD, BRUNO. “Les silences des Bienveillantes”. In: CLÉMENT, Murielle Lucie. *Les Bienveillantes*, de Jonathan Littell. Études réunies par Murielle Lucie Clément. Cambridge: OpenBook Publisheres, 2010.

AMARAL, Emília. “Crime e castigo em *Les Bienveillantes*”, de Jonathan Littell. In Revista Ângulo, Cadernos do Centro Cultural Teresa D’Ávila. Lorena: Fatea, 3º.Semestre de 2010 (agosto-outubro), número 120: *Cultura e Literatura Judaicas*. Org. Berta Waldman.

AMARAL, Emília. “*Les Bienveillantes*: romance e suite; história e mito; representação e realidade”. In Cadernos de Língua e Literatura Hebraica: Publicação do curso de pós-

XII Congresso Internacional da ABRALIC
Centro, Centros – Ética, Estética

18 a 22 de julho de 2011
UFPR – Curitiba, Brasil

graduação em Língua Hebraica, Literatura e Cultura Judaica – FFCL – USP, São Paulo, no. 8. (2010).

LITTELL, Jonathan. *As Benevolentes*. Rio de Janeiro, Objetiva/Aflaguara, 2007.